

DATA LUTA



BOLETIM DATA LUTA

Uma publicação do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – NERA.
Presidente Prudente, dezembro de 2012, número 60. ISSN 2177-4463.

www.fct.unesp.br/nera

ARTIGO DATA LUTA

A nova fronteira do eucalipto e a crise da reforma agrária

ARTIGO DO MÊS

Desarrollo del capitalismo agrario, territorios y conflictualidad en el chaco semiárido

www.fct.unesp.br/nera/artigodomes.php

EVENTOS

XXII Colóquio NERA: “Estudio de las estrategias de reproducción social del campesinado en Uruguay y Brasil. Propuesta teórico-metodológica.”

UNESP/Presidente Prudente – São Paulo, 10 de dezembro de 2012.

I Colóquio LABERUR: “Vivências”

UFS/São Cristóvão – Sergipe, 13 de dezembro de 2012.

XX Encontro Nacional de Estudantes de Geografia - ENEG

UFG/Goiânia – Goiás, 13 a 19 de janeiro de 2013.

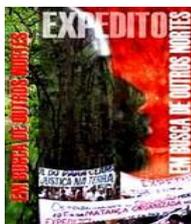
PUBLICAÇÕES E VÍDEOS



Contribuição ao debate paradigmático da questão agrária e do capitalismo agrário

Autor: Munir Jorge Felício.

Tese de doutorado elaborada junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia – área de Produção do Espaço Geográfico, da Faculdade de Ciências e Tecnologia – FCT, campus de Presidente Prudente. Colabora com o debate atual sobre a complexidade da questão agrária. À medida que essas discussões se intensificam, vão emergindo as condições indispensáveis para se desvendar as razões e os motivos dos modelos explicativos dentro das análises, tais como: os referenciais teóricos, as ideologias, as intencionalidades e as opções políticas, entre outros. Pela importância dessa tarefa, esta tese propõe um método para estudar o como e o porquê foram construídas estas análises. Trata-se, portanto, de uma proposta metodológica em que se defrontam dois paradigmas: o da questão agrária e o do capitalismo agrário.



Vídeo: Expedito em busca de outros nortes

Direção e roteiro: Beto Novaes e Aida Marques

Documentário sobre a vida de um migrante sem terra, Expedito Ribeiro de Souza. O filme ajuda a compreender o processo de ocupação da Amazônia brasileira na ditadura militar e os problemas de concentração de terra e violência no campo. O personagem principal é um lavrador mineiro, poeta cordelista que empreende uma série de deslocamentos e passa a viver em Rio Maria, sul do Pará. Sua vida tem algo de comum com outros milhares de camponeses migrantes e algo de específico e singular. Alguns dos seus poemas são apresentados por Chico Buarque de Holanda. Para baixar: <http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/videos.html>

APOIO 

Elaboração: Danilo V. Pereira (bolsista FAPESP), Ananda R. F. de Souza (bolsista Ciência na UNESP) e Rafael de O. C. Santos (bolsista CAPES). Revisão/Publicação: Rubens dos S. R. Souza (bolsista FAPESP), José Sobreiro Filho (bolsista FAPESP) e Tiago Egídio Avanço Cubas. Coordenação: Rodrigo Simão Camacho (bolsista FAPESP) e Juliana Grasiéli Bueno Mota (bolsista FAPESP).

Leia outros números do BOLETIM DATA LUTA em www.fct.unesp.br/nera

A NOVA FRONTEIRA DO EUCALIPTO E A CRISE DA REFORMA AGRÁRIA

Rosemeire A. de Almeida

Prof^a. Dr^a. em Geografia na UFMS/Campus de Três Lagoas

rosemeire.almeida@ufms.br

INTRODUÇÃO

A presente análise busca evidenciar as questões centrais subjacentes à marcha do agronegócio do eucalipto em território sul-mato-grossense – em específico na microrregião de Três Lagoas. Trata-se também de um exercício de interpretação desta realidade a partir de informações e dados recolhidos pelo Grupo de Estudos Agrários do Laboratório de Estudos Regionais (LABET), vinculado à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e que compõe a Rede DATALUTA.

A escolha dessa temática de estudo se justifica por ser o território sul-mato-grossense uma área de rápida expansão da monocultura do eucalipto aliada à instalação, na atualidade, de megaprojetos de linha contínua para produção de celulose-papel. As referidas fábricas localizam-se no município de Três Lagoas/MS e pertencem às empresas Fibria (fusão das empresas Votorantim Celulose e Papel e Aracruz Celulose, em 2009) e Eldorado Brasil (fusão Eldorado e Florestal Brasil, em 2011).

O pressuposto da crítica é que o complexo eucalipto-celulose-papel materializa-se como *rede*¹ cuja ação objetiva manter a acumulação de capital em tempos de crise². Neste sentido, lembra Ploeg (2008) que essa forma de controle da terra-território exercido pelos *Impérios* fez dos alimentos, e demais produtos agrícolas, a principal fronteira para a acumulação ampliada de capital, em uma dinâmica muito próxima a que os metais preciosos representaram para a acumulação primitiva nos tempos do capitalismo comercial.

Em conjunto, a agricultura e o consumo de alimentos constituem um dos *El Dorados* de nossa era. Enquanto, noutros tempos, as minas do Chile e do Peru serviam de base à manutenção do Império Espanhol, agora são a produção e o consumo de alimentos, entre outros elementos, que geram os enormes fluxos da riqueza que é acumulada nos diferentes impérios. (PLOEG, 2008, p. 260. Grifo do autor).

Portanto, o que é chamado pela mídia de agronegócio é a expressão de um mercado capitalista interligado que em muito extrapola o setor primário, porque articula como forma de *Império* os momentos do processo de produção, a saber: insumos/produção/processamento e distribuição. “O Império é aqui entendido como um modo de ordenamento que tende a tornar-se dominante”. (PLOEG, 2008, p. 20).

¹ Usamos o conceito de Rede no mesmo sentido de Raffestin (1993, p.204) quando diz que a “rede é proteiforme, móvel e inacabada, e é desta falta de acabamento que ela tira sua força no espaço e no tempo: se adapta às variações no espaço e às mudanças que advêm do tempo. A rede faz e desfaz as prisões do espaço, tornando território: tanto libera como aprisiona”. Por sua vez, Santos (1997, p. 222) ensina que a rede é global e local, una e múltipla, estável e dinâmica, logo nas redes há uma criação paralela e eficaz da ordem e da desordem no território, já que “as redes integram e desintegram, destroem velhos recortes espaciais e criam outros”.

² Para Hobsbawm (2012), vivemos ainda, em escala mundial, sob os reflexos da última grande crise financeira do capital que, em 2008, se alastrou a partir da economia e do sistema bancário estadunidense. Para o autor, esta crise atual é maior que a da década de 1930, em virtude da globalização que acentuou o grau de integração econômica podendo, inclusive, afetar países de economia planejada – situação não registrada em crises anteriores. (ALMEIDA, 2012a).

O CONCEITO DE IMPÉRIO E A TERRITORIALIZAÇÃO DO COMPLEXO EUCALIPTO-CELULOSE-PAPEL EM MATO GROSSO DO SUL³

A definição de *Império(s)* cunhada por Ploeg (2008), para pensar a atuação em rede de segmentos agrícolas e alimentares hegemônicos, se encaixa na análise do complexo eucalipto-celulose-papel fundamentalmente porque este visa o controle do território (envolvendo os bens inalienáveis da natureza como água e terra) e a disseminação de normas e padrões (que tem no consumo exponencial de papel, uma de suas expressões⁴), como forma de assegurar a apropriação das riquezas.

Ademais, este setor é um dos mais monopolizados dentre aqueles que representam o agronegócio, situação evidenciada no quadro das empresas hegemônicas do setor de celulose e papel atuando no Brasil, com destaque para o fato de possuírem parceiras acionárias que indicam uma ação territorial cruzada que minimiza o cenário de disputas intracapitais⁵: Fibria; Klabin; Suzano; Ripasa; Stora Enso; Veracel, International Paper.

As florestas artificiais ocupam atualmente, no Brasil, a quarta posição em termos de área cultivada, atrás da soja, do milho e da cana-de-açúcar. No ano de 2007, cobriam 5,56 milhões de hectares, com acréscimo de 3,4% em relação a 2006. O Brasil era o sexto país do mundo em áreas plantadas com árvores em 2006, segundo a Bracelpa – Associação Brasileira de Celulose e Papel. O País possui a maior superfície mundial de área plantada com eucalipto. A maior parte das florestas artificiais – cerca de 30% – destina-se à produção de papel e celulose. (SCHLESINGER, 2008, p. 61).

A este seletto clube se junta a recém-fundada Eldorado Brasil com sede em Três Lagoas/MS, cuja pedra inaugural foi lançada em junho de 2010. Embora sem tradição no mercado, o objetivo é ser a maior unidade de produção de celulose do mundo (superando o atual posto que pertence a fábrica da Fibria também localizada no referido município). Para tanto, entrará em operação em 12 de dezembro de 2012, com capacidade para 1,5 milhão de toneladas/ano de celulose, tendo como principal acionista o grupo JBS (Friboi).

Oliveira (2007), crítico do *modus operandi* do agronegócio brasileiro, há muito destacou este modelo de dominação onde todos os segmentos econômicos aparecem de alguma forma ligados à produção agropecuária, situação determinada por uma transnacionalização da agricultura cujo controle se dá por meio de novas configurações territoriais, ou seja, pela territorialização e monopolização do território.

O conceito de 'agribusiness' foi desenvolvido por Ray Goldberg, em 1957, nos EUA. Foi traduzido para o Brasil, e proposto como 'complexo agroindustrial' ou 'agronegócio' por Ney Bittencourt, Ivan Wedekin e Luiz A. Pinazza, nos anos 1980, com enorme repercussão nos meios empresariais e acadêmicos. O agronegócio nada mais é do que um marco conceitual que delimita os sistemas integrados de produção de alimentos, fibras e biomassa, operando

³ Parte dos debates ora apresentados estão em Almeida (2012a). Estas reflexões são desenvolvidas a partir de uma pesquisa mais ampla, intitulada: "A formação do vale da celulose: desdobramentos socioterritoriais do plantio de eucalipto na região Leste de Mato Grosso do Sul", com apoio do CNPq.

⁴ A respeito desta discussão do aumento do consumo de papel no mundo *par e passo* com o avanço da monocultura do eucalipto, e das fábricas de celulose nos chamados países "periféricos", ver a excelente contribuição de Kudlavicz (2011).

⁵ A tese de Morelli (2011) é um bom exemplo desta ação articulada das empresas papeleiras, em especial na metade sul do Rio Grande do Sul. O referido estudo permite também discutir a hipótese de que um dos determinantes da mobilidade da Fibria, em 2007, para o Mato Grosso do Sul, tem estreita relação com dificuldades enfrentadas pela empresa junto à sociedade gaúcha no tocante ao debate do zoneamento agroecológico, bem como em relação às manifestações de resistência do Movimento das Mulheres Camponesas-MMC que, desde o ano de 2006, promoviam, no dia 8 de março, ações de denúncia contra as empresas de celulose na região.

desde o melhoramento genético até o produto final, no qual todos os agentes que se propõem a produzir matérias-primas agropecuárias devem fatalmente se inserir, sejam eles pequenos ou grandes produtores, agricultores familiares ou patronais, fazendeiros ou assentados. (JANK *apud* OLIVEIRA, 2007, p. 147).

É por isso que uma parte da *rede dos agronegócios* se especializa na *monopolização do território* controlando e manipulando onde é possível, isto é, na comercialização, distribuição, processamento industrial e financiamento. Todavia, o que Giarracca e Teubal (2008) alertam é que esse processo de *monopolização do território* já não basta. Cada vez mais, e com maior intensidade, as grandes empresas transnacionais têm comprado terras em distintas regiões do globo a fim de garantir a homogeneização da produção via *territorialização do capital*.

Esta lógica de atuação do *Império* do eucalipto na microrregião de Três Lagoas, que aqui definimos como “*complexo territorial eucalipto-celulose-papel*”, se assenta numa aliança entre representantes do capital industrial, financeiro (fundos de pensão) e os proprietários de terras, situação extremada do pacto de classes. Este novo cenário (re)cria conflitualidades expressas (ou não) na resistência e na adaptação a esta complexidade territorial, sobretudo, por abarcar lógicas de reprodução diversas, e até antagônicas, materializadas pela presença de camponeses, proprietários de terras, trabalhadores, empresários, bancos, poder público, etc. Portanto, a expressão “*complexo eucalipto-celulose-papel*” é pensada como indicador de uma situação de interface entre o local e o global, o *nó* onde se manifesta o encontro de lógicas e práticas distintas de uso do território. Neste caso, na microrregião de Três Lagoas, o *complexo eucalipto-celulose-papel* é a sobreposição de um uso da terra em relação a outros, não apenas da pecuária, mas, sobretudo, em relação ao uso camponês que é seu contraponto. Deste modo, a expressão não se assemelha com o uso disseminado na década de 1980 acerca dos complexos agroindustriais que, de forma geral, sugeriam o conjunto de elementos de uma cadeia produtiva como, por exemplo, o complexo soja/farelo/óleo.

Por sua vez, a fonte de financiamento deste complexo é, em grande medida, o erário público via Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) num cenário em que a disputa pelos recursos e pelo patrimônio fundiário tem sido vencida pelos mais fortes.

Para entender o caso em questão, qual seja a formação do chamado vale da celulose em Mato Grosso do Sul, é preciso considerar a velocidade da expansão do plantio de eucalipto no Estado. Neste sentido, a Tabela 1 evidencia que o aumento do plantio de eucalipto em Mato Grosso do Sul foi de 83% no período de 2005 a 2007.

Tabela 1 - Crescimento do plantio (em ha) de eucalipto no BR e no MS (2005-2007)

Eucalipto	2005	2007	%
Brasil	3.407.204	3.751.867	10,1%
MS	113.432	207.687	83,1%

Fonte: ABRAF, 2007.

O incremento na produção nacional de celulose teve contribuição significativa de Mato Grosso do Sul. E a responsável neste período pela entrada do estado no cenário nacional no tocante ao plantio de eucalipto, processamento e exportação de celulose, é a empresa Fibria. Atualmente, o total de área controlada pela referida empresa em Mato Grosso do Sul é de 317 mil ha.

Quadro 1 - (Re)concentração - Área total ocupada pela Fibria - (terra própria, arrendada e parceria) - 2011

Municípios	Área total ocupada (ha)	Área plantada com eucalipto (ha)
Água clara	32.062	15.632
Brasilândia	79.551	52.113
Ribas do Rio Pardo	47.377	32.837
Selviria	26.452	18.583
Três Lagoas	131.584	88.493
Total	317.026	207.658

Fonte: FIBRIA, 2011.

O raio de ação da empresa se estende para a região Leste, porém na atualidade, a maior concentração de área plantada é na microrregião de Três Lagoas, de forma específica nos municípios de Brasilândia, Água Clara, Ribas do Rio Pardo e Três Lagoas. Paradoxalmente, estes municípios registram também outro uso da terra, uma vez que possuem presença significativa de assentamentos rurais – são dez projetos totalizando uma área de 35.636,25 ha onde vivem 1.188 famílias.

Quadro 2 - Número de Assentamentos e Reassentamentos na Microrregião de Três Lagoas (1984 a 2010)

Projetos	Quant.	Famílias	Área (ha)
	10	1.188	35.636,25

Fonte: INCRA, 2010.

Para se entender a importância diferenciada destes projetos, vejamos uma comparação em relação ao ritmo de expansão do eucalipto e da Reforma Agrária em MS. Enquanto a Reforma Agrária no período de 1979 a 2011 conquistou 699.511 ha, a Fibria de 2007 a 2011 controla no Estado 317 mil ha.

Quadro 3 - Número de Assentamentos no MS (1979 a 2011)

Projetos	Quant.	Famílias	Área (ha)
	199	32.451	699.511

Fonte: DATALUTA, 2012.

O DISCURSO DA MISÉRIA NO CAMPO, O EUCALIPTO COMO PROGRESSO E A CRISE DA REFORMA AGRÁRIA

Sessenta e nove famílias do Assentamento 20 de Março, localizado perto do distrito de Arapuá [Três Lagoas/MS], vivem em péssimas condições de moradia. Há dois anos elas moram em barracos de lona e madeira, porque até hoje, não receberam o recurso do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (Incra) para a construção das casas. (...). De acordo com Araújo, a infraestrutura no local é precária. Até o momento, as famílias contam apenas com água encanada. Ele informou que melhorias nas estradas foram executadas pela Prefeitura. “O Governo Federal deixa muito a desejar. Se não fosse a Prefeitura e a FIBRIA, empresa que desenvolve um programa de integração de madeira e alimento, não haveria condições de trabalho para algumas famílias do assentamento”, observou. (JORNAL DO POVO, 2012, p. 1).

Segundo a Constituição brasileira de 1988, a Reforma Agrária é um dispositivo econômico e financeiro, portanto, em tese, é uma política de Estado. Todavia, a realidade e os números revelam um crescente processo de esvaziamento deste conteúdo, situação que culminou no tratamento da Reforma Agrária no atual governo no âmbito das ações sociais de mitigação da pobreza e da miséria no campo.

Logo, fortalece nos ministérios, em especial no Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), a leitura de que os bolsões de pobreza e miséria nacional encontram-se no campo. Portanto, a ação prioritária que ganha corpo é o combate desta situação via programas de transferência de renda em detrimento da Reforma Agrária. Neste sentido, os brasileiros com renda mensal per capita familiar de até R\$ 70,00 – o que corresponde a 16.267.197 pessoas, formam o público prioritário do Programa Brasil Sem Miséria, lançado em 2011, pela presidenta Dilma Rousseff. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 46,7% dos extremamente pobres moram na zona rural. Dos brasileiros residentes no campo, um em cada quatro se encontra em extrema pobreza⁶.

Para conformar esta leitura do campo como lugar da pobreza e do atraso, duas questões foram ignoradas. Uma diz respeito à insuficiência do principal critério utilizado para definir o público, qual seja a renda. A economia doméstica que predomina nas unidades de produção familiares no campo, não podem ser medidas pelos elementos da economia capitalista urbana, a exemplo do salário, lucro e renda. Há um componente, geralmente esquecido, que se refere ao fato de estas serem unidades de produção e de consumo, logo produtoras de sua própria existência – como já alertava Garcia Júnior (1994). Não se trata de ignorar as dificuldades no campo, mas de atentar para uma possível pobreza/miséria super estimada em virtude da não consideração da economia doméstica. Soma-se a isso, a não problematização acerca da situação de abandono das famílias oriundas da Reforma Agrária, em especial no Mato Grosso do Sul. Vejamos uma amostra na reportagem que segue:

Pesquisa do Incra realizada em assentamentos do Estado [Mato Grosso do Sul] revela, entre outros aspectos, que 24% das famílias contempladas pela reforma agrária no Estado ainda não contam com o serviço de água encanada em suas residências, índice superior ao nacional, que é de 21%. Mas, mesmo aqueles que contam com a benfeitoria, 28% consideram-na ruim ou péssima, pois a água não fica disponível durante o dia inteiro, índice dez pontos percentuais acima da média dos demais estados. O levantamento, divulgado na última terça-feira, também mostra problemas gravíssimos com infraestrutura, pois 72% consideram as estradas de acesso ruins ou péssimas, e somente 0,47% dos entrevistados disseram que são ótimas. Na média nacional, 58% também entenderam que os acessos são péssimos e ruins. Outro grave problema é que 23% das famílias não contam com energia elétrica e outros 26% disseram que ela não fica disponível durante o ano inteiro. Neste quesito, os índices de MS são praticamente os mesmos do restante do País (CORREIO DO ESTADO, 2010, p. 1).

Situação perversamente articulada com a “morte” por dentro do INCRA — a principal instituição destinada a executar a Reforma Agrária, condição posta pela não reposição dos servidores como mostra o Quadro 4, dentre outros esvaziamentos denunciados na mídia pelos representantes sindicais da categoria⁷.

⁶ Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/saladeimprensa/noticias/2011/maio/brasil-sem-miseria-atendera-16-2-milhoes-de-pessoas>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

⁷ A respeito do assunto, ver a reveladora entrevista do funcionário do INCRA e diretor da Confederação Nacional das Associações dos Servidores do INCRA (CNASI), Acácio Zuniga Leite. Para o servidor, a mudança na atualidade mais significativa, é que o órgão federal terá como prioridade principal dar assistência técnica aos assentamentos, ao invés da desapropriação de terras. E mais: considera falsa a dicotomia desapropriação *versus* qualidade, pois “o governo não está desapropriando terras nem melhorando a qualidade dos assentamentos”. Disponível em: <<http://servidoresmda.blogspot.com.br/>>. Acesso em 12 nov. 2012.

Quadro 4 - Distribuição dos assentamentos no Brasil e quadro de servidores do INCRA (1985 a 2011)⁸

Ano	Municípios	Número de Projetos	Área (ha)	Famílias	Servidores - INCRA
Até 1985	61	67	9,8 milhões	117, 8 mil	9.000
Até 2003	1.512	4.883	45,4 milhões	544,7 mil	5.500
2011	2.022	8.873	87,5 milhões	931 mil	5.684

Fonte: INCRA, 2011

O resultado destas omissões é trágico, porque tem significado a paralisação da Reforma Agrária em nome de um discurso de mitigação da miséria (ou de suposta melhoria da qualidade de vida nos assentamentos). Os quadros que seguem não deixam dúvida desta perda de importância da Reforma Agrária como mecanismo de desconcentração da terra em Mato Grosso do Sul – tanto no governo Lula como no atual.

Quadro 5 - Assentamento e formas de aquisição de terras em Mato Grosso do Sul (1984 a 2010)

		Desapropriação	Compra e Venda	Outros	Total
Governos Anteriores		16	05	03	24
Governo FHC	1995-1998	49	02	07	58
	1999-2002	35	01	01	37
	Total FHC	84	03	08	95
Governo Lula	2003-2006	11	32	02	45
	2007-2010	10	27	01	38
	Total Lula	21	59	03	83
Total Geral		121	67	14	202

Fonte: INCRA, 2010. KUDLAVICZ, Mieceslau (Org.), 2011.

Quadro 6 - Assentamentos - Último período Lula – MS

Número Assentamentos	2007	2008	2009	2010
	25	06	04	02

Fonte: INCRA, 2010. KUDLAVICZ, Mieceslau (Org.), 2011.

Tabela 2 - Formas de Aquisição (2007 A 2010)

	2007		2008		2009		2010	
Desapropriação	06	24%	02	33,33%	01	25%	00	0%
Compra e venda	19	76%	03	50%	03	75%	02	100%
Outras	00	0,0	01	16,67	00	0,0	00	0,0

Fonte: INCRA, 2010. KUDLAVICZ, Mieceslau (Org.), 2011.

Tabela 3 – Centro-Oeste - Número de Assentamentos Rurais – 2011 (Governo Dilma)

Região/UF	Nº assentamentos	%	Nº famílias	%	Área (ha)	%
CO	4	3,7	115	1,3	2.695	0,1
DF	1	0,9	53	0,6	431	0,0
GO	2	1,8	36	0,4	1.116	0,1
MS	0	0,0	0	0,0	0	0,0
MT	1	0,9	26	0,3	1.148	0,1

Fonte: DATALUTA, 2012.

⁸ Informações retiradas da palestra de Carlos Alberto Menezes de Calazans - Superintendente do INCRA/MG proferida no ENGA no dia 15/10/2012 em Uberlândia/MG.

Apesar da Reforma Agrária cercada, a terra dividida não perdeu importância como projeto de luta dos sem-terra e isso também se revela em números (Tabela 4). Ou seja, apesar da hegemonia do império do eucalipto, o caminho da luta no MS é parte contraditória desta realidade.

Tabela 4 – Centro-Oeste - Número de ocupações e de famílias por estado e Macrorregiões - 1988-2011

Região/UF	Nº ocupações	%	Nº famílias	%
Centro-Oeste	1.142	13,38	190.294	15,88
DF	43	0,50	6.198	0,52
GO	404	4,73	56.023	4,67
MS	546 ⁹	6,40	89.251	7,45
MT	149	1,75	38.822	3,24

Fonte: DATALUTA, 2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem positiva da ajuda firmemente estabelecida nas mentes das pessoas, vem de estórias antigas – o Bom samaritano atando as feridas do homem que foi vítima de ladrões; a lenda de São Martinho compartilhando seu agasalho com um mendigo. (...). A ajuda moderna transgrediu todos os princípios dessa concepção tradicional de ajuda. Longe de ser incondicional, a assistência moderna é abertamente calculista. Na maioria das vezes, tem como base um cálculo minucioso das possibilidades de vantagem própria e não uma preocupação desinteressada com a necessidade alheia. (GRONEMEYER, 2000, p. 19).

Esta inércia do atual governo no tocante à Reforma Agrária, e a situação de precariedade dos assentamentos implantados, geram o paradoxo de Estado “mínimo” na Reforma Agrária e “máximo” no complexo eucalipto-celulose-papel. Situação que tem deixado como saída aos assentados a “ajuda” das papeleiras. Trata-se de uma clara inversão de papéis, em que o Estado deixa de cumprir seu papel constitucional de provedor da Reforma Agrária como política pública.

“A gente tá isolado aqui, abandonado pelo INCRA, então a ajuda da empresa veio calhar, em parte, né? Porque a gente tem aquele medo... a gente não entende bem das coisas. Aí cada um fala uma coisa... porque a empresa tem muito dinheiro, é uma empresa grande, pode pagar qualquer tipo de coisa, pode colocar energia pra gente, né? Mas a gente pensa também que ela pode comprar aqui (...). Depois que a gente ficou aqui dois anos sem renda, a coisa apertou, então vamos arrumar serviço fora e o eucalipto é que tá sustentando a gente, então você tem raiva e ao mesmo tempo tem que ficar quieta. (Assentado no projeto “20 de Março” em Três Lagoas/MS. Entrevista concedida no dia 27/06/2012 à Rosemeire A Almeida).

Concordamos com Marx, em “Ideologia Alemã”, que recorrer ao bolso do burguês dificulta a emancipação, mas, neste caso, é o que sobra aos pobres da terra tanto para retomar o lote (há famílias que voltaram a morar no assentamento depois dos investimentos das papeleiras) como para desbloquear as forças produtivas familiares, uma vez que parte dos investimentos é dirigida para implantação de mini laticínio; projetos de parceria eucalipto-alimento (PIMA¹⁰); recuperação de áreas degradadas, e, mais recentemente, implantação de hortas agroecológicas. Situação que coloca a subalternidade como condição de resistência do campesinato assentado na região, pelo menos em médio prazo.

“A horta é uma força que eles tão dando, não sei por quê... deve ser porque não pode ficar só eucalipto, tem que sair alimento (...) não entendo (...) Senão até as liberações vai ficando

⁹ Parte significativa dessas ocupações no período recente se refere à luta indígena.

¹⁰ Ações de “ajuda” já contabilizadas no Relatório de Sustentabilidade da Fibria, 2011.

difícil pra eles se ficar só eucalipto, e na nossa região já tá bem espaçosa o plantio de eucalipto.” (Assentado no projeto “20 de Março” em Três Lagoas/MS. Entrevista concedida no dia 27/06/2012 à Rosemeire A Almeida).

Concluo que há na atualidade um processo em igual passo entre o avanço do agronegócio do eucalipto - articulado com a ideia de progresso e desenvolvimento, em particular na microrregião de Três Lagoas, e a crise da Reforma Agrária que, neste conjunto, ocupa no discurso hegemônico o lugar da miséria e do atraso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. A territorialização do agronegócio do eucalipto na região leste de Mato Grosso do Sul e o cerco à reforma agrária. In: **Anais**. XVI ENG/Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/xvieng/anais/index.html>>. Acesso em: 29 set. 2010.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. Impactos Socioambientales de la Expansión del Eucalipto en el *Cerrado* Brasileño. **Revista Estudios Sociales Contemporáneos**. Mendoza/Argentina: Instituto Multidisciplinario de Estudios Contemporáneos. v. 5-6, 2012a. p. 15-26. (ISSN 1850-6447).

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. Eucalipto e a religião do progresso. **Jornal da Ciência – SBPC**. JC 4615, de 31 de Outubro de 2012. Disponível em: <<http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalle.jsp?id=84810>> Acesso em: out. 2012b.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. Eucalipto e Precarização do trabalho em Mato Grosso do Sul. In: WRM (MOVIMENTO MUNDIAL PELAS FLORESTAS TROPICAIS). **Boletim nº 178 do WRM**, Edição em português. Montevideo (Uruguai). Maio de 2012. Disponível em: <<http://www.wrm.org.uy>>. Acesso em: 30 mai. 2012c.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PRODUTORES DE FLORESTAS PLANTADAS – ABRAF. **Anuário estatístico da ABRAF 2011**. Brasília: ABRAF, 2011. 145p.

CORREIO DO ESTADO. **Pesquisa mostra insatisfação de 24% das famílias de assentados em MS**. Disponível em: <http://www.correiadoestado.com.br/noticias/pesquisa-mostra-insatisfacao-de-24-das-familias-de-assentado_92448/>. Acesso em: 26 dez. 2010.

GARCIA JR., Afrânio. A geração de rendas, sua distribuição e trajetória diferenciais em assentamentos de reforma agrária no Brasil (1985-1989) comentários sobre o estudo da FAO. In: ROMEIRO, Adhemar *et al* (Orgs.). **Reforma agrária, produção e renda**. Rio de Janeiro: Vozes/IBASE/FAO, 1994. p. 87-98.

FIBRIA. **Resumo do plano de manejo**. Unidade Florestal MS. Três Lagoas. 4. ed. Julho, 2011.

GIARRACCA, N., TEUBAL, M. Del desarrollo agroindustrial a la expansión del ‘agronegocio’: el caso argentino. In: FERNANDES, Bernardo M. (Org.). **Campesinato e agronegócio na América Latina: a questão agrária atual**. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p. 139-164.

GRONEMEYER, Marianne. Ajuda. In: SACHS, Wolfgang. **Dicionário do desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 339-354.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Hobsbawn: O socialismo fracassou, agora o capitalismo faliu; o que virá a seguir?** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1162270-hobsbawn-o-socialismo-fracassou-agora-o-capitalismo-faliu-o-que-vira-a-seguir.shtml>> Acesso em: 01 out. 2012.

JORNAL DO POVO. **Falta de infraestrutura compromete assentamento**. Disponível em: <http://www.jptl.com.br/?pag=ver_noticia&id=51831> Acesso em: 12 nov. 2012.

KUDLAVICZ, Mieceslau. **Dinâmica agrária e a territorialização do complexo Celulose/papel na microrregião de três lagoas/MS**. 176f. Dissertação (Mestrado em Geografia), CPTL, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2011.

MORELLI, Luiz Alberto. **A Monocultura do Eucalipto e a Monopolização do Território na Metade Sul do Rio Grande Do Sul**. 209f. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências, Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

OLIVEIRA, Arioaldo U. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: Labor, 2007.

PLOEG, Jan Douwe V. D. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

PAKKASVIRTA, Jussi. **Fábricas de celulosa: historias de la globalización**. Buenos Aires: La Colmena, 2010.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 2. Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

SCHLESINGER, S. **Lenha nova para a velha fornalha**. Rio de Janeiro: FASE, 2008.